

Revista Agrária Acadêmica

[*Agrarian Academic Journal*](#)

Volume 2 – Número 4 – Jul/Ago (2019)



doi: 10.32406/v2n42019/217-225/agrariacad

Comportamento social de cães que frequentam um parque público em Recife – PE. Social behavior of dogs that frequent a public park in Recife-PE.

Patricia Monteiro de Lira¹, Tomás Guilherme Pereira da Silva^{1*}, Gilcifran Prestes de Andrade², Lourival Barros de Sousa Brito Pereira³, Tayara Soares de Lima¹, Júlio César dos Santos Nascimento¹

¹- Departamento de Zootecnia, Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, Recife, Pernambuco, Brasil. E-mail: [*tomas-g@hotmail.com](mailto:tomas-g@hotmail.com)

²- Departamento de Morfologia e Fisiologia Animal, Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, Recife, Pernambuco, Brasil.

³- Médico Veterinário Autônomo, Recife, Pernambuco, Brasil.

Resumo

Objetivou-se caracterizar o comportamento social e a relação homem-animal de cães que frequentam um parque público situado na Zona Sul de Recife, Pernambuco. Para tanto, foram aplicados questionários contendo perguntas referentes à finalidade da criação, frequência de passeios e a ocorrência de comportamentos anormais a sessenta tutores de cães. Os dados foram analisados e sinalizaram que as condições de criação, bem como a interação que os cães mantêm com os tutores têm gerado modificações no comportamento social desses animais, e a regularidade dos passeios tem reduzido marcadamente os graus de agressividade e ansiedade animal, promovendo socialização adequada e bem-estar.

Palavras-chave: antropomorfização, caninos, centros urbanos, problemas comportamentais

Abstract

The objective of this study was to characterize the social behavior and the man-animal relationship of dogs attending a public park, in the South Zone of Recife, Pernambuco. For this purpose, questionnaires containing questions regarding the purpose of breeding, frequency of walking and the occurrence of abnormal behaviors were applied to sixty tutors of dogs attending a public park. The data showed that the breeding conditions and the interaction that the dogs maintain with the tutors have generated changes in the social behavior of these animals and the regularity of the walks has markedly reduced the levels of aggression and animal anxiety, promoting adequate socialization and welfare.

Keywords: anthropomorphization, behavioral problems, canine, urban centers

Introdução

Diversos estudos científicos e ciências, como a etologia, contribuem para o entendimento mais acertado acerca do comportamento dos cães, haja vista que a partir deles torna-se possível compreender, interpretar e alterar diversos comportamentos (ROSSI, 2008). A urbanização em constante crescimento e a aglomeração nos centros urbanos têm contribuído com a maior proximidade humano-cão, sendo esses animais considerados até mesmo como componentes familiares. Por outro lado, com os animais de companhia passando a exercer um papel de maior relevância e ocupando espaços criados pela própria sociedade, muitas vezes a necessidade da expressão do comportamento natural destes não é levada em consideração, uma vez que os mesmos são criados dentro das residências e muitos dos seus hábitos instintivos são mudados.

Nesse cenário, destaca-se o processo conhecido como antropomorfização, caracterizando-se pela atribuição de atitudes e qualidades humanas a seres não humanos, o que, quando de forma exagerada, pode causar transtornos a esses animais, visto que o modo como eles são criados interfere no comportamento que eles apresentarão à sociedade. A transferência de características humanas aos animais pode ser danosa ao cão, caso não sejam levadas em consideração as necessidades naturais dos mesmos, porém, pode ser aceitável se não ocorrer de forma exagerada e vier atrelada a benefícios, como alimentação mais adequada e maiores cuidados veterinários.

De acordo com Segurson et al. (2005), problemas comportamentais representam uma das grandes causas de abandono de cães, tendo como principais justificativas: episódios de agressividade, desobediência, fugas e latidos excessivos. É importante ressaltar que a maioria dos problemas comportamentais possui tratamento, sendo necessário um diagnóstico preciso e adequado ao tipo do problema, levando em consideração particularidades do proprietário e de sua família (SOARES et al., 2010).

Diante do exposto, objetivou-se avaliar o comportamento social de cães domiciliados que frequentam um parque público em Recife, Pernambuco.

Material e métodos

A pesquisa foi realizada no “ParCão” do Parque Dona Lindu, localizado no bairro de Setúbal, Zona Sul da cidade do Recife, Pernambuco, entre os meses de junho e julho de 2018. Os “ParCães” são áreas destinadas ao lazer de cães juntamente com seus tutores, munidos de equipamentos de *agility*, obstáculos e bebedouros, que permitem ao animal brincar e se exercitar com mais liberdade. O espaço reservado possui uma área de 845m² e foi criado pela Prefeitura da Cidade do Recife, através da Secretaria de Turismo, Esporte e Lazer (Figura 1).



Figura 1. ParCão do Parque Dona Lindu, Setúbal, Recife, PE. Fonte: Leo Motta/JC Imagem/2018

Foram elaborados questionários estruturados contendo perguntas de múltipla escolha, segundo a metodologia descrita por Boni e Quaresma (2005), aplicados de forma aleatória a 60 tutores de cães que frequentam o referido “ParCão”, em três visitas alternadas, sendo duas no turno da manhã e uma no turno da tarde. As perguntas foram elaboradas baseando-se nas hipóteses de parâmetros que teriam influência no comportamento do animal, levando-se em consideração o local de habitação dos animais, a finalidade da criação, a ocorrência de comportamentos anormais e a relação entre o proprietário e o seu cão.

Os dados obtidos foram analisados de acordo com a frequência das respostas, por meio de estatística descritiva, com uso do programa Microsoft Excel® 2016.

Resultados e discussão

Observou-se que a maioria dos entrevistados possuía idade compreendida entre 24 e 34 anos, sendo mais da metade (63,33%) do sexo feminino. Com relação ao tipo de moradia, 85% dos entrevistados afirmaram residir em apartamentos (Figura 2), resultado esperado em função do alto padrão residencial da localidade em questão, tratando-se de uma das regiões mais nobres do Recife (zona sul), com forte ocorrência de atividades turísticas e comerciais.

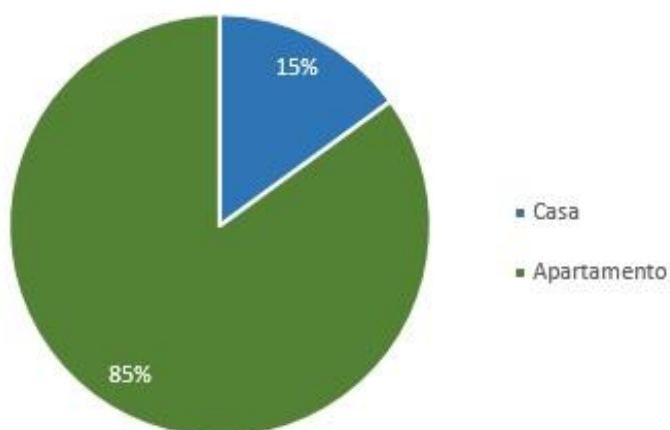


Figura 2. Distribuição percentual relacionada ao tipo de moradia dos tutores e seus cães.

O crescente fenômeno da verticalização, com a construção de grandes e inúmeros edifícios, justifica a preferência por animais de pequeno porte (58,33%), pela maior facilidade no manejo em geral. Vale salientar que as residências possuem espaço cada vez mais reduzido e assim os tutores têm optado por raças de cães que se adeque ao seu estilo de vida. Além disso, alguns desses edifícios, de acordo com seu regimento interno, só permitem a criação de animais de pequeno porte (PADOVANI, 2017).

Aliado a esse fato, 91,67% dos tutores responderam que criam seu cão com a finalidade principal de dispor de animais de companhia, diferentemente do que ocorria no início da domesticação, onde os cães eram utilizados para funções mais práticas, como proteção e caça, o que sinaliza o aumento da relação afetiva da população com essa espécie, sendo esses cães muitas vezes usados para preencher necessidades sociais e emocionais, substituindo assim companhias humanas (BEAVER, 2001).

Quando questionados sobre o local de criação dos cães, 76,67% dos entrevistados afirmaram que criam os cães na parte interna de suas moradias, contra 20 e 3,33%, que afirmaram criá-los dentro

e fora, e apenas fora da residência, respectivamente (Figura 3), o que ratifica o laço afetivo com o animal, que são aceitos como um real integrante familiar.

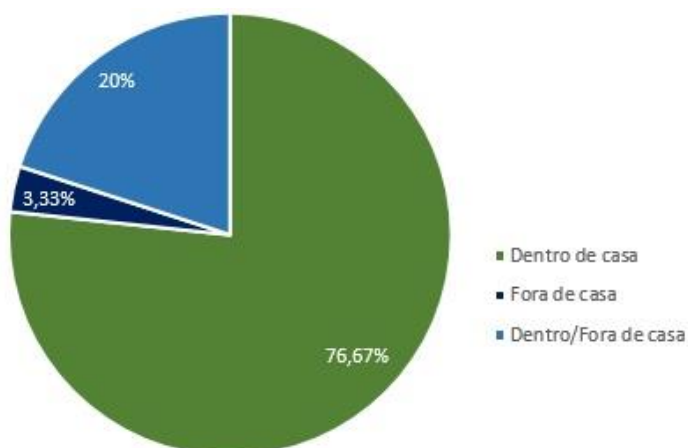


Figura 3. Distribuição percentual do local de criação dos cães.

Quase a totalidade dos cães é criada solta (86,67%) e estes têm total e irrestrito acesso a todos os cômodos da casa, inclusive camas e sofás. Sobre o sexo dos animais, 55% deles eram machos, contrariando assim as teorias que revelam a preferência pelas fêmeas em se tratando de animais de companhia, sendo descritas como mais afetivas, obedientes e menos destrutivas que os machos, que são, por sua vez, mais agressivos e ativos (LANDSBERG et al., 2004). Apesar disso, a figura 4 sinaliza que, do total de cães, apenas 35% demonstram comportamentos agressivos, e destes, menos da metade (47,62%) são do sexo masculino.

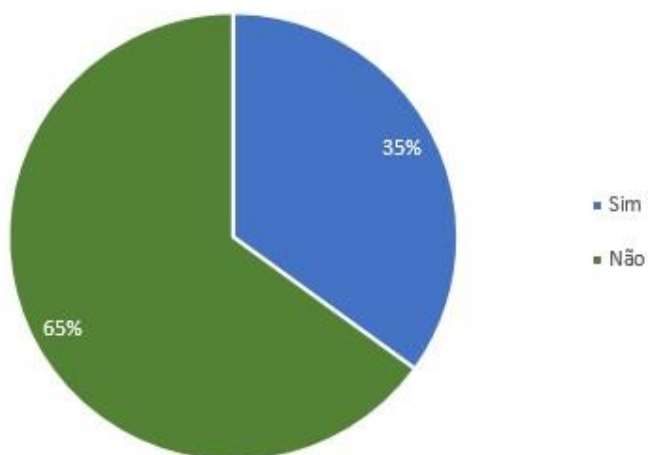


Figura 4. Distribuição percentual dos sinais de agressividade.

Sabendo-se que a agressão pode ter diversas causas, associa-se principalmente a falta de socialização adequada e as condições em que o cão habita, sendo essa talvez a razão de números considerados satisfatórios, visto que 86,67% desses animais foram adquiridos com idade inferior a 12 meses, considerado como o período de socialização dos cães, no qual eles iniciam suas interações sociais e maior aprendizado. É também neste período que ocorre a maturação de características físicas, neurológicas e comportamentais (BEAVER, 2001), e o contato com pessoas, outros animais, espaços, objetos e sons é extremamente importante.

Os cães que não são socializados de forma correta têm mais tendência a apresentarem problemas comportamentais no futuro, tornando-se possivelmente um animal mais ansioso e, por conseguinte, mais agressivo, como mecanismo de defesa. Esse fato aumenta a importância em relação à socialização desses animais, objetivando assim o bem-estar não só deles, mas também dos proprietários e da sociedade (SERRA, 2005).

Um fato relacionado à agressividade é que, nesta pesquisa, dos 35% dos animais considerados agressivos, um total de 57,14% deles são animais de pequeno porte, enquanto 33,33 e 9,53% são de animais de médio e grande porte, respectivamente. Esse resultado pode ter relação com o maior cuidado dos proprietários quanto ao treino e educação de cães de raças maiores, devido ao maior dano causado por eles em episódios de agressividade, o que não ocorre com os cães menores que, além de possuírem acesso a toda a residência, vivendo, de certa forma, mais próximos aos proprietários, têm a agressividade demonstrada por eles mais tolerada por seus donos, inclusive os comportamentos destrutivos. No entanto, é importante destacar que existem outros fatores que podem exercer influência sobre o comportamento do animal, dentre eles a raça e características genéticas.

Ao avaliar as situações nas quais os cães costumam mostrar mais agressividade, os entrevistados puderam optar por mais de uma alternativa, e os resultados mostraram que a maioria dos cães são agressivos com pessoas desconhecidas (38,46%) e com outros animais (30,77%) (Figura 5), resultado semelhante ao encontrado por Soares et al. (2010), em um estudo sobre a epidemiologia de problemas comportamentais em cães no Brasil. De modo geral, esse tipo de agressão é direcionado a pessoas e outros animais que não são familiares para o cão, ou seja, não fazem parte da “matilha” (LANDSBERG et al., 2004), sendo este um comportamento natural da espécie canina, advinda de seus ancestrais, podendo estar relacionado à proteção e à demarcação de território.

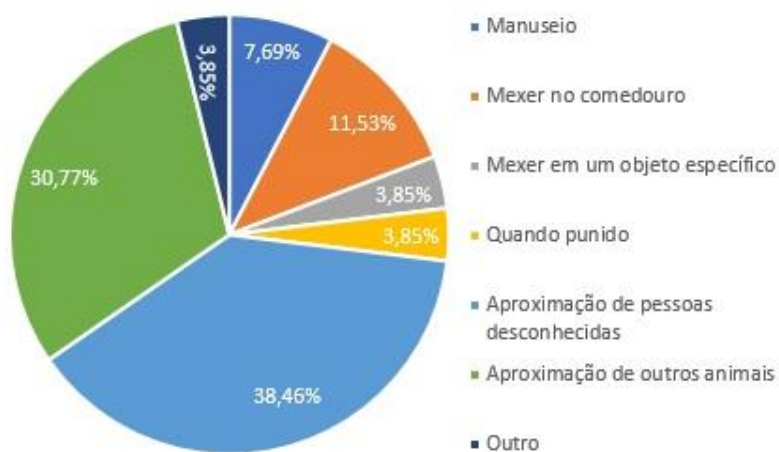


Figura 5. Distribuição percentual da motivação do comportamento agressivo dos cães.

Dentre o total de cães avaliados, verificou-se que, independente do sexo, 76,67% deles não eram castrados. O método de castração é geralmente utilizado para a redução de comportamentos sexuais indesejados e outros problemas comportamentais, como a agressividade (BAMBERGER e HOUPPT, 2006). Confirmando este fato, entre os cães que apresentaram agressividade, 66,67% não eram castrados. Esse resultado reforça a importância da castração na socialização desses animais, visto que, segundo Bortoloti e Agostino (2007), os animais castrados, sobretudo os machos, tornam-se menos agressivos, facilitando dessa forma a sua convivência em locais públicos, principalmente com outros cães.

Com relação ao adestramento, apenas 18,33% dos entrevistados afirmaram que o cão já passou por este processo. O adestramento ajuda a evitar comportamentos não desejados pelo proprietário, tornando o animal mais concentrado e de fácil convivência com humanos e outros animais. Nessa perspectiva, dentre os animais que apresentaram sinais de agressividade, 80,95% deles não passaram por nenhum processo de adestramento. Sabe-se que, além do sexo, a idade, a raça e o fato de os cães coexistirem com outros animais podem influenciar na manifestação de agressividade, porém, nesta pesquisa, nenhuma dessas variáveis obteve um resultado influente.

É inegável a importância dos passeios diários para o cão. Dentre as principais vantagens estão à maior interação entre ele e o seu proprietário, o desenvolvimento da disciplina e treinamento e a socialização com outros cães. Cientes de todos esses benefícios, 83,33% dos tutores afirmaram passear com seus cães diariamente (Figura 6).

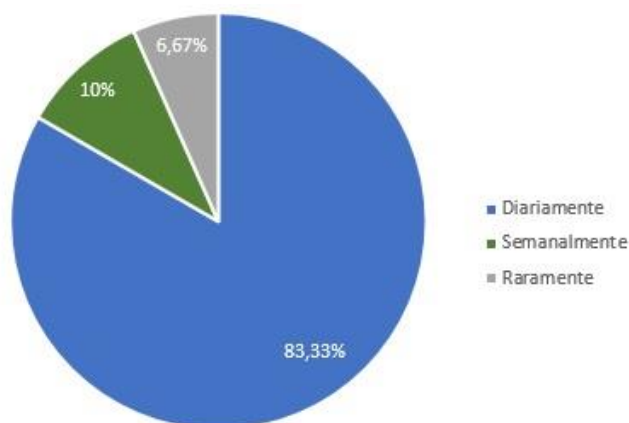


Figura 6. Distribuição percentual da frequência de passeios com os cães.

Esse fator foi determinante para definir o temperamento do animal, considerado pela maioria dos proprietários como calmo (50%). Os passeios também são a principal fonte de exercícios, além de ajudar o animal a preencher mais o tempo, proporcionando distração, diminuindo assim maus comportamentos como a agitação excessiva, causada pela combinação de excesso de energia e afeto mal direcionado (MILLAN, 2013). Apesar disso, uma parcela considerável dos cães foi definida por seus donos com temperamento agitado (31,67%), o que pode ser justificado pela faixa etária desses animais, visto que mais da metade dos que apresentaram esse comportamento (52,63%) tem idade igual ou inferior a 12 meses. Cães jovens devem receber quantidades de exercícios e brincadeiras de forma compatível com suas exigências individuais, pois são mais ativos e brincalhões que os cães adultos (LANDSBERG et al., 2004).

Quando questionados se o cão resiste a posturas submissas, apenas 21,67% dos entrevistados responderam de forma positiva (Figura 7).

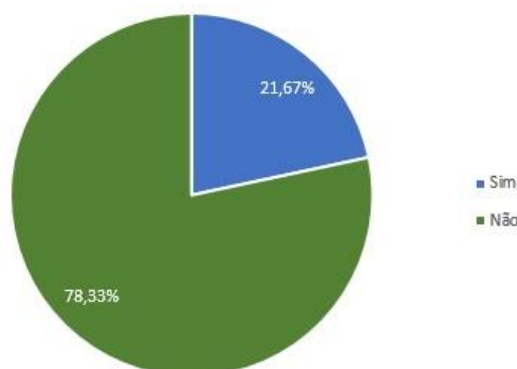


Figura 7. Distribuição percentual sobre a resistência a posturas submissas.

Porém, foi observado que a maioria deles desconhecia a questão da dominância canina, mostrando-se indiferentes a estar ou não na liderança. Em contrapartida, 55% desses tutores afirmaram que durante o passeio o cão se posiciona à frente, puxando a guia, o que é interpretado por alguns autores como um indicativo de liderança. De acordo com Rossi (1999), todos os cães estabelecem hierarquias e a família a qual eles pertencem é a sua matilha. Sendo assim, o proprietário deve assumir a posição de líder a fim de controlar o animal, impedindo que ele dispute essa posição e apresente comportamentos agressivos (MILLAN, 2007), no entanto esse tema ainda é muito controverso.

Atualmente, a convivência entre o cão e seu tutor tem sido de uma relação muito próxima, criando entre eles um tipo de apego social, como membros de uma mesma família (SABLE, 2013). As condições em que esses animais são criados é um aspecto muito importante, pois têm influência direta no comportamento exibido por eles. Por serem animais sociais, o vínculo com o seu grupo, para o cão, é um elemento essencial para a sua estabilidade emocional. Portanto, a pressa da sociedade moderna e o isolamento em ambientes confinados, como apartamentos com espaços reduzidos, vem prejudicando seriamente o bem-estar dos mesmos, desenvolvendo muitas vezes uma condição clínica conhecida como ansiedade de separação, que se caracteriza por comportamentos exibidos pelo cão na ausência de uma figura de apego (APPLEBY e PLUIJMAKERS, 2004).

De acordo com Soares et al. (2010), os comportamentos mais comumente relatados, são as vocalizações excessivas, seguidas dos comportamentos destrutivos e depressivos. Neste contexto, os tutores foram indagados sobre quanto tempo, em dia útil, o cão era deixado sozinho. Foi informado que o cão passa entre duas e quatro horas (40%) e de cinco a oito horas (40%) sem a presença de humanos. Logo em seguida, quando perguntados sobre a atitude do animal ao ficar sozinho em casa, 75% responderam que o cão se comporta bem (Figura 8), inclusive passando a maior parte do tempo dormindo, confirmando assim, mais uma vez, a importância dos passeios diários, que fazem com que o nível de energia do animal chegue a níveis mínimos, proporcionando relaxamento (MILLAN, 2013).

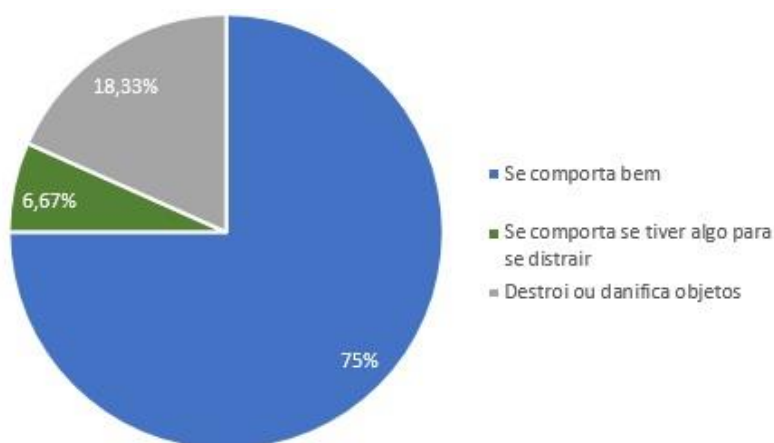


Figura 8. Distribuição percentual sobre a resistência a posturas submissas.

Ainda de acordo com Millan (2013), a ociosidade é considerada uma das principais causas do desenvolvimento de comportamentos obsessivos em cães, que incluem a automutilação, perseguição de cauda e caçada a moscas imaginárias. Em adição, autores como McCrave (1991), não considera o transtorno obsessivo-compulsivo como uma manifestação da síndrome de ansiedade de separação. Por outro lado, Soares et al. (2010) sugeriram que existe associação entre esses dois quadros mórbidos.

Sendo assim, os inquiridos foram interrogados sobre a apresentação desse tipo de comportamento por seus cães, tendo 75% se posicionado com negação.

Conclusões

O desenvolvimento de alterações no comportamento social dos cães está relacionado às condições em que eles vivem e a relação que mantém com seus tutores. A frequência de passeios mostra-se associada a baixos níveis de agressividade e ansiedade, promovendo o bem-estar físico a esses animais e um correto processo de socialização.

Referências bibliográficas

- APPLEBY, D.; PLUIJMAKERS, J. Separation anxiety in dogs: the function of homeostasis in its development and treatment. **Topics in Companion Animal Medicine**, v.19, n.4, p.205-215, 2004.
- BAMBERGER, M.; HOUP, K.A. Signalment factors, comorbidity, and trends in behavior diagnoses in dogs: 1644 cases (1991-2001). **Journal of the American Veterinary Medical Association**, v.229, p.1591-1601, 2006.
- BEAVER, B.V. **Comportamento canino: um guia para veterinário**. São Paulo: Roca, 2001. 431p.
- BONI, V.; QUARESMA, S.J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC**, v.2 n.1, p.68-80, 2005.
- BORTOLOTTI, R.; AGOSTINO, R.G. Ações pelo controle reprodutivo e posse responsável de animais domésticos interpretadas à luz do conceito de metacontingência. **Revista Brasileira de Análise do Comportamento**, v.3, n.1, p.17-28. 2007.
- LANDSBERG, G.; HUNTHAUSEN, W.; ACKERMAN, L. **Problemas comportamentais do cão e do gato**. 2 ed. São Paulo: Roca, 2004. 492p.
- MCCRACKEN, E.A. Diagnostic criteria for separation anxiety in the dog. **Veterinary Clinics of North America: Small Animal Practice**, v.21, n.2, p.247-255, 1991.
- MILLAN, C. **Be the Pack Leader: Use Cesar's Way to Transform Your Dog**. Nova York, EUA: Harmony, 2007. 336p.
- MILLAN, C. **Guia rápido para um cão feliz: 98 dicas e técnicas essenciais**. Campinas, SP: Verus, 2013. 208p.
- PADOVANI, C. Perfil dos tutores de pets e sua percepção sobre o médico-veterinário. **Boletim APAMVET**, v.8, n.1, p.15-17, 2017.
- ROSSI, A. **Adestramento inteligente**. São Paulo, SP: CMS, 1999. 260p.
- ROSSI, A. Comportamento canino - como entender, interpretar e influenciar o comportamento dos cães. **Revista Brasileira de Zootecnia**, v.37, suplemento especial, p.49-50, 2008.
- SABLE, P. The pet connection: An attachment perspective. **Clinical Social Work Journal**, v.41, n.1, p.93-99, 2013.
- SEGURSON, S.A.; SERPELL, J.A.; HART, B.L. Evaluation of a behavioral assessment questionnaire for use in the characterization of behavioral problems of dogs relinquished to animal shelters. **Journal of the American Veterinary Medical Association**, v.227, n.11, p.1755-1761, 2005.
- SERRA, C.M. **Avaliação de um método para socialização primária de filhotes de cães domésticos e seus efeitos nos participantes**. Dissertação (Mestrado em Medicina Veterinária), Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ. 2005. 87p.

SOARES, G.M.; PEREIRA, J.T.; PAIXÃO, R.L. Estudo exploratório da síndrome de ansiedade de separação em cães de apartamento. **Ciência Rural**, v.40, n.3, p.548-553, 2010.

Recebido em 30 de junho de 2019

Aceito em 12 de julho de 2019